

# Ayrá, orixá autônomo, mistura a paz e o caos

*Relação da entidade com Xangô é marcada por tensões e reconciliações simbólicas*

*Djamila Ribeiro*

*Folha de S. Paulo, 28.nov.2024*

O [candomblé](#) é vivo, rico em tradição e complexidade, onde cantigas, rituais e [orixás](#) constituem uma estrutura sedimentada que se mantém reconhecível em qualquer terreiro.

Certos aspectos litúrgicos são universais: tudo que pertence a [Oxalá](#), por exemplo, rejeita o [dendê](#), pois este elemento, ao invés de harmonizá-lo, o desestabiliza. Mas há certas divergências que, ao serem exploradas, nos ensinam muito.

Isso porque, sendo uma religião baseada na oralidade e nas tradições das grandes casas, algumas interpretações podem variar, o que resulta em nuances que enriquecem, em vez de comprometer, a prática de terreiro. Há casos em que um orixá é considerado independente em determinadas tradições, enquanto em outras é visto como uma forma de expressão de outro orixá. Ayrá é um exemplo marcante dessa dinâmica.

Em algumas vertentes, Ayrá é reverenciado como um orixá autônomo, com atributos próprios, associado aos redemoinhos e intimamente ligado a Oxalá. Ele personifica a paz, simbolizando uma serenidade crítica em meio ao caos. Para outras tradições, no entanto, Ayrá é uma qualidade de [Xangô](#), o ancestral rei de [Oyó](#), reconhecido por sua regência sobre os trovões e a justiça. Sendo uma qualidade, consideraríamos que essa divindade seria, em si, uma forma de manifestação de Xangô na terra.

No centro dessa confluência/divergência está um dos mais conhecidos itãs do candomblé, aquele que fala sobre a viagem de Oxalá ao reino de Oyó. Oxalá ficou sete anos injustamente preso —falaremos mais sobre essa passagem daqui algumas semanas, quando encerraremos essa série. Contudo, para fins dessa coluna, é o retorno de Oxalá para casa que nos interessa, quando Ayrá, líder da guarda de Xangô, é designado pelo rei para acompanhar o grande pai nessa viagem de volta.

Ayrá carregava Oxalá nas costas durante o dia, montava uma fogueira e distraía o senhor com histórias e comentários curiosos durante a noite. Não perdia o humor e a leveza no caminho, tornando-se rapidamente uma companhia diletta do ancião.

De acordo com outros itãs, Ayrá viveu no reino de Xangô e foi um de seus mais leais e competentes servos, mas suas personalidades opostas levaram à separação. Enquanto Xangô é um rei que não gosta de ser contrariado, Ayrá o próprio questionamento em meio à ordem. É um redemoinho. Em meio a histórias na fogueira, Ayrá dividiu com Oxalá suas divergências com Xangô, responsabilizando-o pela prisão injusta e prolongada do ancião.

Naquele caminho de retorno, Oxalá já havia se banhado com suas águas e estava em paz. Aquele velho sábio percebeu que Xangô e Ayrá, dois filhos queridos, estavam como água e óleo e o melhor a ser feito seria a separação de ambos. Então, ao chegar em casa, pede —ou melhor, avisa— Xangô que o jovem guarda passará a viver com ele. Para Xangô, foi um alívio no reino e uma mágoa pessoal, por se sentir traído por Ayrá. Para o orixá, ex-chefe de sua tropa, um novo começo que se mostrou o seu devido lugar.

Ayrá, portanto, não é um rei em nenhum de seus postos, mas ainda assim é um orixá, o que nos convida a uma reflexão sobre os diferentes papéis e equilíbrios que sustentam um reino, uma comunidade ou, de forma ampliada, uma religião como o candomblé. Enquanto Xangô, como rei ancestral de Oyó, representa a centralidade do poder e da justiça, Ayrá, ao se destacar pelo questionamento, encarna a figura de um guardião que equilibra a força da autoridade com a flexibilidade da crítica. Isso nos ensina que uma liderança forte não se consolida apenas pela imposição de ordens, mas pela coexistência com outras forças que complementam e desafiam.

Essa relação entre Ayrá e Xangô —marcada por tensões, separações e reconciliações simbólicas— é um reflexo das dinâmicas que regem tanto as relações humanas quanto espirituais. É por isso que o itã que narra a separação dos dois orixás, mediada por Oxalá, carrega uma profundidade: ele nos lembra que até mesmo na esfera divina, os conflitos podem ser resolvidos não pela anulação de diferenças, mas pelo reconhecimento e valorização delas.

Ao final, o candomblé nos oferece uma visão profundamente pluralista do mundo, em que hierarquias e autonomia coexistem de forma complexa, porém complementar. Ayrá não precisa ser rei para ter importância; sua contribuição reside na calma que oferece em meio ao caos, na crítica que alimenta a justiça e na capacidade de transitar entre os mundos do poder e da paz. Que ele nos abençoe nesse momento tão conturbado do Brasil.